

A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA ENTRE A ESTRANHEZA E O INFANTIL

THE LONELINESS OF THE BLACK WOMAN BETWEEN ESTRANGEMENT AND THE INFANTILE

Robson Mello¹

Maria Virgínia Filomena Cremasco²

Algo da malemolência perturbadora deve ser ocultada, recalçada, tirada de cena.
(Gonzalez, 1980, p.230)

RESUMO: O artigo analisa o fenômeno chamado “solidão da mulher negra”, que se insere no vasto rol das violências contra às mulheres, neste caso, notadamente às mulheres negras. Seus efeitos nefastos as afetam do ponto de vista subjetivo e prático de suas vidas. A partir da psicanálise na conjunção que vai de Sigmund Freud a Jacques Lacan e de seus comentadores contemporâneos no laço com a produção contemporânea sobre o racismo aos sujeitos negros, buscam-se os fundamentos teóricos dentro de uma aposta de compreensão deste fenômeno na leitura psicanalítica. O cabedal teórico da psicanálise de mãos dadas com a fértil produção teórica sobre as consequências do colonialismo nos serve efetivamente para trazermos à luz o que resta dessa temática sobre os escombros do recalque.

Palavras-chave: solidão da mulher negra, racismo, psicanálise, colonialismo.

ABSTRACT: The article analyzes the phenomenon called "loneliness of the black woman", which is part of the vast range of violence against women, in this case, notably black women. Its harmful effects affect them from the subjective and practical point of view of their lives. Based on psychoanalysis in conjunction with Sigmund Freud and Jacques Lacan, and their contemporary commentators, in connection with contemporary production on racism against black subjects, the theoretical foundations are sought within a commitment to understanding this phenomenon through psychoanalytic reading. The theoretical background of psychoanalysis, hand in hand with the fertile theoretical production on the consequences of colonialism, effectively serves us to bring to light what remains of this theme on the ruins of repression.

Keywords: loneliness of black women, racism, psychoanalysis, colonialism.

INTRODUÇÃO

¹ Psicanalista, professor universitário (UniCesumar, campus Portão), doutorando em Psicologia Clínica (UFPR) e membro do Fórum do Campo Lacaniano – Curitiba e da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL-Brasil). psicmello@uol.com.br e <http://lattes.cnpq.br/7867092937181866>

² Professora Titular do Departamento e da Pós-graduação em Psicologia na Universidade Federal do Paraná e pós-doutorado no Centre d'Etudes en Psychopathologie et Psychanalyse na Université Denis Diderot (Paris VII, 2009-2010). Atualmente desenvolve pesquisas sobre: estados de luto, prevenção do suicídio e toxicomanias.

Há pouco tivemos o caso de um homem negro sendo lançado pelas mãos de policiais do estado de São Paulo do alto de uma ponte durante mais uma das famosas abordagens policiais, e, dessa vez, após ter recebido duas “opções” dadas pelo agente policial: “pula da ponta ou jogo você e sua moto daqui.”¹ A mensagem que ouviu do policial. Noutro estado, ainda mais recente, o atual governador do estado de Santa Catarina, em áudio comunicado à imprensa por sua assessoria, por ocasião da comemoração da 40^a edição da Festa Pomerana, evento que celebra as tradições germânicas, relata que “a cidade se destaca pela cor da pele das pessoas.” Responsabilizado pela fala, logo em seguida responde que “racismo é crime, e que a acusação não se aplica a ele.”² Deste modo introduzo e justifico a importância de sempre retomarmos o tema do racismo.

1. PROBLEMÁTICA DE PESQUISA E FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A solidão da mulher negra. Eis o mote central deste artigo que tem como ponto de partida à sua escrita o referencial teórico da psicanálise na conjunção que vai de Sigmund Freud a Jacques Lacan incluindo seus comentadores contemporâneos. E, neste contexto, nossa busca foi a de encontrar os fundamentos sobre alienação, separação, discurso, mais-de-gozar, infamiliar (estrangeiro) e narcisismo das pequenas diferenças que nos possibilitem pensar a angústia diante da marca do feminino – que o colonialismo nos legou – como o traço fundamental que comparece com a parte integrante do que se destaca no fenômeno denominado solidão da mulher negra.

1.1. OBJETIVOS

Nosso objetivo é expor alguns elementos teóricos, a partir da psicanálise lacaniana, a fim de que se consiga estabelecer uma interpretação sobre um dos elementos que está na coxia ruidosa da temática do racismo; notadamente sobre o racismo às mulheres negras. Trazer uma contribuição para o debate sobre o tema no laço com as temáticas das violências, como por exemplo, o sexismo. Não se pretendeu abordar a gama dos afetos aí gerados, mas sim propor uma leitura psicanalítica sobre o que aí talvez possa

constar abaixo da barra como seu significado e, sendo assim, fruto dos discursos dominantes, que banham o inconsciente dos falantes.

1.2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, qualitativo e exploratório, construído a partir de uma revisão não sistemática. Foram utilizados como descritores de busca de literatura: a psicanálise, colonialidade, racismo e a proposição da solidão da mulher negra. Foram excluídos materiais que verssem, mais detidamente, sobre o vasto campo dos afetos em jogo neste enlace teórico.

2. RACISMO E SUAS BASES TEÓRICAS NA PSICANÁLISE

“Uma assimilação e uma confusão entre o biológico, o sociológico e o psicológico.” Desse modo Askofaré (2022) define a teoria defendida pelos racistas. Uma teoria irracional que subjuga sujeitos pelo fato de considerar que uns outros seriam superiores, e que estes, inclusive, por conseguinte, teriam o direito de “civilizá-los”. Transmutar algo do estrangeiro para o inassimilável. É o que Askofaré (2021) nos aponta em seu texto *Psicanálise OU Racismo*. O racismo se ampara sobre a teoria equivocada (GUERRA, 2020, p.7) sobre a existências de distintas raças. Foi o solo fértil da ciência (não sem o capitalismo!) que produziu o racismo. Em seu texto “Apresentação autobiográfica” Freud (1925[1924] /2010) Freud nos dá pista de que um novo conceito estava iniciando sua carreira no universo da ciência: o conceito de raça nos corredores da academia.

Apontando para a nossa história colonial, Kilomba (2021) nos diz que o “O Brasil é um sucesso colonial”. Acrescente nos dizendo que o “racismo é uma ferida inflamada, que de tempos em tempos abre, sangra sem parar até matar.” A frase da pesquisadora Lia Schumann com sua frase “a raça é filha do colonialismo.” (2022) corrobora tais ideias de Kilomba (2021) com propriedade. Askofaré (2022) nos diz também que o racismo comporta um “tríplice postulação” e laço com a economia política. Esse tríptico nos diz que existem raças humanas, há uma hierarquia dessas raças que vai de inferior a superior e daí decorrem sua desigualdade de princípio e sua desigual dignidade, que vai dialogar com a “experiência traumática” que Maria Lúcia da Silva aponta em seu texto “Universidade e

Racismo” (2017) sobre a experiência de quem vive o racismo, bem como o sentimento de ter sido “massacrada em sua subjetividade e alienada em suas expectativas”, que Neusa Santos Souza (1983) revela em seu célebre “Tornar-se negro”. E que cai tal qual uma luva para que tentamos desenvolver neste texto.

Dos discursos. Sobre o viés discursivo, e, portanto, político, repousa um dos aspectos cruciais para pensarmos o enlace psicanálise, racismo e solidão da mulher negra, afinal, sabemos com Lacan que “o inconsciente é a política” (LACAN, 1966-67/2008, p.350). Daí a lermos que o “nosso inconsciente é tão ávido por matar o que nos é estranho [...] quanto o ser humano dos tempos primevos.” (FREUD, 2020, p.131). É impossível pensar os efeitos e consequências mortíferas do racismo sem fazer apelo ao seu viés sexual – bastão que Lacan recolheu de Freud. Em *O mal-estar na cultura* (confirmar e ver ano) recolhemos a clássica frase que diz que “amará o próximo como a ti mesmo.” (FREUD, 1930[1929], p.106. AE). Freud não somente nos faz lembrar de que o falante não consegue aplicar na prática a orientação bíblica para a erotização do laço com o outro, como também aponta para o que há de nuclear implícito na frase, isto é, o eixo especular comporta uma das modalidades da relação do sujeito com o outro. “O racismo é o que se enraíza no corpo, na fraternidade do corpo” (LACAN, 1972/2012, p.227). O corpo do outro é a questão, e a proposição lacaniana nos serve, aqui, como o laço perfeito para fecharmos as ideias contidas neste parágrafo. Em “As teorias sexuais infantis”, Freud destaca que “pessoas ditas normais superam os complexos sem sofrer grandes prejuízos registráveis na prática, enquanto os neuróticos conseguem sufocá-los, mas ao preço de custosas formações substitutivas que fracassam na prática.” (1908[2010], p.188-193).

“Sagas e mitos dão testemunho do tumulto na vida dos sentimentos infantis, do espanto que se enlaça ao complexo de castração, que mais tarde é recordado pela consciência com a revolta como seu correspondente.” (1908[2010], p.193). Daí a lermos em Fuks (2007, p.67) que “quando em psicanálise fala-se em horror à castração está se falando sobre a angústia que a diferença causa, (...) porque lembra a ausência ou a privação e causa estranheza.” Correlata a um jogo infantil, uma vez que se cria um mundo próprio, mas que se leva muito a sério, reúne grandes quantidades de afeto e se afasta de modo grosseiro da realidade e gera gozo. Freud, em seu texto “O criador literário e o fantasiar” (1908[1907], p.127-8) liga o ato de fantasiar ao infantil, e, não menos, aponta para o fato de que “se fantasias alheias fossem-nos reveladas, elas nos fariam sentir vergonha ou, ao

menos, nos deixariam frios. (FREUD, 1908[1907]). Fantasia, gozo e separação do outro no lugar do semelhante. Eis o que Lacan (1973) nos indica sobre o que há em jogo no racismo, precisamente sobre o que considerava como “escalado do racismo” (1973/1993, p.58). Lacan indica que o racismo é um fenômeno que ocorre porque há um “descaminho do gozo” (idem) do sujeito e “só há o Outro para situá-lo, mas na medida em que dele estamos separados. Fanon (1975/2008, p.143) cita O. Mannoni falando sobre o racista. Lemos:

“Esta necessidade de reencontrar a figura mitológica dos sátiros nos macacos antropoides, em Caliban* ou nos negros, e mesmo nos judeus, atinge a alma humana, em uma profundamente onde o pensamento é confuso e a excitação sexual é estranhamente ligada à agressividade e à violência, vetores de grande potência” (FANON, 1975/2008, p.143).

Em *Mais, ainda*, Lacan nos dá uma precisão sobre este Outro: “gozo do corpo do Outro que o simboliza, que não é signo de amor.” (LACAN, 1972-73/1985, p.12). Não é amor, mas a vertente mais-de-gozar do objeto *a que*, gozo destrutivo a partir do uso do corpo do outro para dar conta da falta subjetiva que constitui todo falante. É isso o que faz com que as pessoas sejam “transformadas em objetos excluídos: os *abjetos*. (...) rebotalho em exclusão interna cujo paradigma seria um grupo de linchamento daquele que é escolhido como resto a ser excluído.” (QUINET, 2021, p.97). Exatamente a isso que Gonzalez (198), p.225) em seu artigo *Racismo e sexismo na cultura brasileira* rebate bravamente: “O lixo vai falar, e numa boa.” Advertindo sobre o lugar que o sujeito negro é posto em nossa sociedade, posto que inserido em um caldo linguístico, e, não menos, de soslaio, lança a importância da fala como forma de resistir e sobreviver em face aos destinos pulsionais mortíferos impostos pelo fenômeno do racismo. Lacan (1953-54/1986, p.308) aponta que “o ódio é aquele que se situa na junção do imaginário e do real.” Para Fuks (2007, p.66) o ódio “se situa na dimensão agressiva do sujeito frente a uma pequena diferença, que provoca angústia. Diferença *ex-tima*: o horror ao que é mais íntimo e que, tomado pelo eu como um objeto externo, constitui-se em objeto do ódio na segregação e no extermínio.” Consideremos o que lemos em Fanon sobre a fantasia e o gozo racistas:

(...) Essas fantasias, em certo sentido, respondem ao conceito de pulsão de Freud. Projetando as suas intenções no preto, o branco se comporta “como se” o preto as tivesse realmente. (..) O preto é fixado no genital, ou pelo menos aí foi fixado. (...) É na corporeidade que se atinge o preto. É

enquanto personalidade concreta que ele é linchado. É como ser atual que ele é perigoso. (FANON, 1975/2008, p.143).

Fanon nos aponta que o racismo, diferente do fenômeno da segregação tem sempre um laço com a fantasia sexual que o branco racista constrói sobre o negro. Nas palavras do autor, o sujeito que é alvo do racismo tem a experiência subjetiva e de um corpo “desancado, desconjuntado, demolido. Um esquema corporal que é atacado em vários pontos, cedendo lugar a um esquema epidérmico racial.” (FANON, 1952[2008], p.105-107). A partir de Crawley e seu “tabu de isolamento social”, aquele que faz com que cada indivíduo se separe dos demais, em “O tabu da virgindade (contribuições para a psicologia do amor III), Freud (1918[1917], p.195) propõe sua teoria sobre o “narcisismo das pequenas diferenças” que nos indica que os sentimentos de estranheza e hostilidade se fundamentam nas pequenas diferenças existentes entre os falantes, não obstante as semelhanças existentes em todo o restante. Vejamos o que Fuks nos diz sobre isso:

Em termos normais, o “narcisismo das pequenas diferenças” está na base da constituição do “eu”, do “nós” e do outro, na fronteira que tem por função resguardar o narcisismo da unidade. Quando levado ao paroxismo, desemboca na segregação e no racismo, expressões máximas da intolerância ao outro e tolerância ao mesmo. Da hostilidade à mulher a todos estes fenômenos, Freud utilizou a noção de *narcisismo das pequenas diferenças* para refletir sobre o par de opostos tolerância/intolerância, no plano individual e coletivo. (FUKS, 2007, p.61-2).

Freud, em “O infamiliar” (1919), nos traz o tema da estética como “a doutrina das qualidades do nosso sentir.” E nos faz lembrar dos sentimentos postos de repulsa e atração, sentimentos penosos, beleza e grandiosos. Lembra que o terror e o horror se ligam àquilo que causa angústia, dando-nos, logo em seguida uma precisão – se trata da angústia infantil de castração de tempos originários. Traz o conceito de Schelling para o *unheimliche*, e que proponho trazermos para a atualidade das questões referentes ao racismo, mas não somente, e que está na base de todas as formas de intolerância, de que “tudo o que estando destinado a permanecer em secreto, oculto, saiu à luz” (1919/2007, p.225, AE.). Seguimos com Freud:

Pode-se apenas dizer que o que é inovador torna-se facilmente assustador e *infamiliar*; nem tudo o que é novidade é assustador. Ao novo e ao não

familiar se deve, de início, acrescentar algo para 394orna-lo *infamiliar* (FREUD, 1919[2019], p.33).

A partir da análise do conto de Hoffmann, “O homem de areia”, Freud (1919/2007) pontua que no contexto daquilo que causa angústia há também desejo e crenças infantis, e que a multiplicidade de fatores deverá auxiliar na compreensão daquilo que nos soa como “infamiliar.” Segundo Freud, o infamiliar faz laço com a ideia de uma casa povoada de fantasmas. Toca no tema da repetição, e, não menos, no que tange à parte que causa angústia, essa é fruto legítimo do material recalcado que retorna. Em última instância, encontramos que dois fatores que atestam a permanência do sentimento de infamiliar. São eles: “a intensidade de nossas reações afetivas originárias e a incerteza de nosso conhecimento científico.” (FREUD, 1919/2007, p.241). O corpo da mulher negra, banhado pelo discurso que herdamos de nossos antecessores coloniais escravagistas, acaba por se impor, para alguns, como parte dessa “casa povoada por fantasmas.” Há aí algo que é da ordem “do fatídico e do inescapável” (FREUD, 1919/2019, p.77) que também opera no fenômeno do infamiliar.

O uso da língua permitiu que o familiar deslizesse para ser oposto, o infamiliar, uma vez que esse infamiliar nada tem de realmente novo ou de estranho, mas é algo íntimo à vida anímica desde muito tempo e que foi afastado pelo processo de recalçamento (FREUD, 1919/2019, p.85).

Uma vez mais apontamos, a partir de Freud, para o aspecto discurso que nos banhou e nos constitui e constitui, e que deu a matéria-prima para as modalidades do racismo que vemos, dia a dia, no cotidiano das vidas em nosso país. Quinet (2013, p.138) nos diz sobre o “*Heteros*, - outro em grego, que é do âmbito do incomensurável. É o campo aberto do um a um, um mais um mais um, que não fecha num todo. A lógico do *não todo* é a lógica da heteridade.” Incluir a estranheza inerente ao significante do Outro barrado: S (A/). Não temer este infamiliar – o que somente será possível ao sujeito a partir de um percurso feito em análise: a maneira eficaz de produzir separação entre sujeito e discurso racista. Que cada um possa se encontrar com o “incomensurável” de si. Esta “solidão é descrita como resultado da ausência de afeto e companhia proveniente de relações afetivas, principalmente em relações afetivo-sexuais. Tal estado de privação está intimamente relacionado aos efeitos de uma cultura racista e machista.” (Mizael, Barrozo e Hunziker, 2021, p.235). Rocha (2023, p.01) acrescenta dizendo que “podemos repensar e

ressignificar a solidão da mulher negra para além de uma vivência nas relações amorosas, mas sim uma vivência de exclusão em sociedade, um não lugar, seja junto a mulheres brancas, homens negros e assim por diante.”

Em “Racismo e sexismo na cultura”, Gonzalez (1980) nos aponta um trecho em que diz que o colonizador europeu, diante do corpo da mulher escravizada “tentou fixar sua imagem *estranhamente sedutora* (grifos nossos) em todos os seus detalhes anatômicos.” (p.228). Hahner (1970, p.120-21) é citada por Gonzalez (1980, p.229) a partir de um documento do final do século XVIII encontrado por aquela no qual “o vice-rei da época excluía de suas funções de capitão-mor um homem que manifestara *baixos sentimentos* (grifos nossos) e manchara seu sangue pelo fato de ter se casado com uma negra. A autora (idem), convidando a uma “volta pelo tempo da escravidão” denuncia de modo afinado a confusão que o branco faz com o povo negro em geral e precisa: “prá gente que preta então, nem se fala. E traz à luz o supracitado do tema deste artigo ao nos dizer que “concubinação tudo bem: mas casamento é demais.” (idem, idem). Satisfação das necessidades sexuais dos seus senhores e dominadores, sim. Inserção do sujeito nos campos das trocas afetivas nem pensar. A autora nos pontua que “à mulher negra, seu homem, seus irmãos e seus filhos, a eles lhes são negados o estatuto de sujeito humano. Trata-os sempre como objetos.” Exatamente sobre isso sopra-nos o psicanalista e poeta Jairo Carioca. Vejamos:

Dizia que tinha medo e ela sorria
[...]
Eu tinha medo de perdê-la e tinha
medo de tê-la e tinha medo de ser
dela
Hoje sei que era o masculino dentro
de mim
Amedrontado diante daquela
menina mulher

E é exatamente este “masculino dentro do homem” e dentro da cultura racista e machista enquanto uma das ondas discursivas que faz gerar esse “amedrontamento diante da menina mulher” que, em última instância, acaba por gerar solidão e sofrimentos às subjetividades das mulheres, mais ainda às mulheres negras. Isso é o que faz com que a mulher negra fica distante da esfera do amor (Gonzalez, 1980). E a mulher negra, posta na categoria de lixo, não pode amar!

3. RESULTADOS

O fenômeno chamado “solidão da mulher negra” se insere no campo das opressões às mulheres negras. Ele articula o tema do racismo e do sexismo, que se ligam intrinsecamente à história escravagista que forneceu as bases para a constituição das subjetividades da população brasileira – homens brasileiros, notadamente. A partir de S. Freud e de J. Lacan e seus comentadores constatamos que os conceitos de narcisismo das pequenas diferenças, castração, fantasia e angústia e mais-de-gozar nos servem, com propriedade, para a efetivação da compreensão sobre esta face – dentre muitas outras! – do racismo que afeta a subjetividade e a vida cotidiana e prática das mulheres negras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos achados, pudemos verificar que há algo no inconsciente dos sujeitos, marcado e herdado a partir dos discursos racistas que constituiu a sociedade brasileira desde o período do colonialismo que lança os homens a uma posição neurótica infantil que faz com que o corpo da mulher negra – e sua existência enquanto sujeito de linguagem e, portanto de desejo – seja percebido como sendo da ordem do infamiliar, estrangeiro e que, sendo assim, deverá ser tratado como um objeto a ser evitado, descartado e ser deixado no lugar da radical solidão. Objeto que não serve para o laço afetivo e amoroso, mas sim, e somente, para a satisfação das necessidades sexuais mais elementares do homem tal qual o que se tinha nas relações de dominação entre o senhor e suas mulheres escravizadas que existiram na história colonial e pregressa do nosso país. Possibilitar que tais marcas desta trama discursiva venham à consciência se coloca como uma das formas eficazes para que os sujeitos revejam sua posição subjetiva neurótica, posto que é infantil, diante de uma mulher negra.

REFERÊNCIAS

ASKOFARÉ, Sidi. Psicanálise ou racismo. Texto apresentado na abertura das atividades do FCL-RJ, 2022. Texto inédito. s.p.

BÚRIGO, Artur. Reportagem. Folha de S.Paulo online. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: 30 jan. 2025.

CÉSAR, Caio. Reportagem. CartaCapital online. Disponível em: <www.cartacapital.com.br>. Acesso em: 30 jan. 2025.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREUD, Sigmund. Apresentação autobiográfica (1925 [1924]). In: _____. Obras completas, v. 20. Buenos Aires: Amorrortu, 2010.

_____. Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. Texto publicado originalmente em 1915.

_____. O infamiliar (1919). Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

_____. O tabu da virgindade (1918 [1917]). In: _____. Contribuições à psicologia do amor III. Obras completas, v. 11. Buenos Aires: Amorrortu, 2010. p. 195.

_____. Sobre as teorias sexuais infantis (1908). In: _____. Obras completas, v. 9. Buenos Aires: Amorrortu, 2010.

FUKS, Beth Bernardo. O pensamento freudiano sobre a intolerância. Revista Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 59-73, 2007.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 4., 1980, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPOCS, 1984. p. 23-244.

GOROG, Jean-Jacques. O real e a interpretação. Stylus: Revista de Psicanálise, Rio de Janeiro, n. 38, p. 45-55, jul. 2019.

GUERRA, Andréa Maris Campos. O papel da psicanálise na desconstrução do racismo à brasileira. *Revista Subjetividades*, v. 20, esp. 2, e9547, 2020.

HAHNER, June E. *A mulher no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

KILOMBA, Grada. Entrevista concedida a Débora Freitas. CNN Brasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/o-brasil-e-uma-historia-de-sucesso-colonial-lamenta-grada-kilomba/>. Acesso em: 28 out. 2021.

LACAN, Jacques. Nota italiana. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 313.

_____. **O SEMINÁRIO, LIVRO 1:** os escritos técnicos de Freud (1953-1954). Rio de Janeiro: Zahar, 1986. p. 308-309.

_____. **O SEMINÁRIO, LIVRO 11:** os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 260.

_____. **O SEMINÁRIO, LIVRO 14:** a lógica do fantasma (1966-1967). Recife: Centro de Estudos Freudianos de Recife, 2008. Inédito. p. 350.

_____. **O SEMINÁRIO, LIVRO 17:** o avesso da psicanálise (1969-1970). Rio de Janeiro: Zahar, 1992. p. 68.

_____. **O SEMINÁRIO, LIVRO 19:** ...ou pior (1971-1972). Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 227.

_____. **O SEMINÁRIO, LIVRO 20:** mais, ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 12.

_____. Televisão. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 530.

OLIVEIRA, Jairo Carioca. O modo sensual como ela acendia o pavio. Poesia publicada no grupo de WhatsApp “FCL-RJ pela democracia”. Acesso em: 7 jan. 2025.

QUINET, Antonio. **AS HOMOSSEXUALIDADES NA PSICANÁLISE**: na história de sua despatologização. In: **QUINET**, Antonio; **JORGE**, Marco Antonio Coutinho (org.). As homossexualidades na psicanálise. São Paulo: Segmento Farma, 2013. p. 138.

QUINET, Antonio. Os abjetos. In: _____. **A POLÍTICA DO PSICANALISTA**: do divã à pólis. Rio de Janeiro: Atos e Divas, 2021. p. 97.

SANTOS, Kwame Yonatan Poli dos. **POR UM FIO**: uma escuta das diásporas pulsionais. Curitiba: Calligraphie, 2023.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Fala na disciplina “**SAÚDE MENTAL E RACISMO**: práticas inventivas no âmbito da Psicologia e da Psicanálise”. Evento ANPSINEP, USP, UFMG, UFBA, UFES, UNB, UFSC, UFPA, UFPE e UFAC. Disponível em: <https://youtu.be/PPyC7KARm9o>. Acesso em: 13 jun. 2022.

SILVA, Maria Lucia da. Universidade e racismo. Texto apresentado no seminário Raça negra e educação: 30 anos depois. Fundação Carlos Chagas, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **TORNAR-SE NEGRO**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.